

O Serviço de Informações e Contrainformações da FEB na Itália

André Luís Woloszyn ^a

Resumo: O Serviço de Informações e Contrainformação da FEB no teatro de operações da Itália se deparou com uma nova realidade, manifestada pelo significativo número de espões infiltrados em meio à população local e nas ações massivas da propaganda inimiga, direcionada a minar o moral e fomentar deserções. O presente artigo trata do tema e aborda as dificuldades iniciais na atividade de inteligência, as críticas dos norte-americanos e as fontes de informações disponíveis. Retrata as experiências adquiridas e os êxitos que levaram o serviço de Informações e Contrainformações da FEB ser considerado de maior relevância, no âmbito do IV Corpo de Exército dos EUA.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; FEB; Informações; Contrainformações.

PALAVRAS INICIAS

Quando o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB) embarcou para o teatro de operações da Itália, em 2 de julho de 1944, as técnicas utilizadas na atividade de informações eram conhecidas, contudo, faltava-lhe doutrina, metodologia e, especialmente, experiências dos exércitos, inclusive, no norte-americano.

Mesmo no âmbito das forças armadas dos EUA, Willian Dona-

van, chefe do Escritório de Serviços Estratégicos (OSS), criado para coleta de informações militares e realização de operações encobertas na Segunda Guerra Mundial, afirmou que “antes desta guerra, os EUA não tinham qualquer serviço secreto de inteligência e sua única fonte de informações eram uma dúzia de embaixadores e adidos militares”¹.

Neste contexto, é consenso entre pesquisadores do tema que toda a metodologia que conhecemos na

^a Tenente-coronel PM da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Associado correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



atualidade, foi construída ao longo deste conflito, notadamente no teatro de operações europeu e ao longo na Batalha do Atlântico, com base em erros e acertos.

A guerra moderna acarretou em diversos problemas, especialmente, no âmbito da FEB, que procurava se adaptar rapidamente a doutrina militar norte-americana após décadas de influência francesa. Todavia, as dificuldades que os brasileiros enfrentariam na Itália, não eram desconhecidas. A 2ª Seção do Estado-Maior, da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), a partir de novembro de 1943, ocupava-se do levantamento de dados e informações de interesse acerca do teatro de operações italiano.

Sua missão era assessorar o comando com informações para o planejamento das operações além de confeccionar boletins diários contendo análises e estimativas da guerra. Estava dividida em três subseções: informações, interpretação fotográfica e contrainformações⁷².

Um destes dados, além da

obtenção de cartas topográficas e fotografias de uniformes e insígnias utilizadas pelas tropas alemãs e italianas, foi a confirmação, pelo grupo de observadores brasileiros, enviados à Itália e à África do Norte, em dezembro de 1943, da existência de significativo número de agentes da espionagem inimiga infiltrados em meio à população das cidades italianas, nas zonas que seriam ocupadas pelos aliados.

Esta condição levou a subseção de contrainformações, ainda no Brasil, a preparar material de alerta ao efetivo acerca do problema da espionagem, com a distribuição de panfletos contendo orientações básicas como a de não comentarem assuntos militares fora dos perímetros do quartelamento.

AS DIFICULDADES NO FRONT ITALIANO

Nos primeiros meses na Itália, as informações operacionais eram, em grande medida, provenientes do Serviço de Informações do IV



Corpo de Exército dos EUA, pertencente ao V Exército, unidade a que estava subordinada, compartilhada junto a 2ª Seção da 1ª DIE, chefiada pelo tenente-coronel Amaury Kruel.

A leitura de relatórios, recentemente desclassificados, do V Exército norte-americano, apontam que nos primeiros meses apesar do intercâmbio constante de informações, havia dificuldades em transmitir dados e informações, motivadas por dois fatores condicionantes. O primeiro, a inexistência de quadros aptos em criptografia, uma séria deficiência apontada ainda em 1943, pelo general Góes Monteiro, tampouco no manejo de aparelhos de comunicação fornecidos pelos EUA. O segundo e, provavelmente o mais importante, foi a barreira da comunicação por conta do idioma inglês, que poucos integrantes da FEB dominavam.

Diante desta circunstância, muitas informações de natureza secreta, discutidas entre os comandantes dos Exércitos brasileiro e norte-americano e seus respectivos estados-maiores, eram realizadas

com a participação de intérpretes, com destaque para o major, Vernon Walters, oficial de ligação do Exército norte-americano com a FEB.

No âmbito das informações operacionais, as dificuldades iniciais decorriam da falta de experiência contra um bem estruturado e experiente serviço de informações inimigo, que atuava por meio da infiltração de agentes de espionagem, em meio a população local.

No documento, citado na obra de William Waack, são apontados os principais problemas enfrentados pela área de informações da FEB, nos primeiros dois meses:

[...] a falta de coordenação e cooperação entre as áreas de informações e operações; a dependência dos integrantes da seção de informações em relação ao chefe, o que resultava na falta de repasse de informações quando esse não se encontrava; a falta de fidedignidade das informações vindas de unidades subordinadas e repassadas aos QG superiores; relatórios



incompletos; falta de rapidez em relatar as informações obtidas que não raras vezes chegavam com 12 ou 24 horas de atraso; falta de estimativa da potencialidade do inimigo, missão do chefe da seção que raramente o relatório diário incluía e falta de planejamento e previsão que incluía estudos das futuras condições do terreno, climáticas, dentre outras³.

Cordeiro de Farias, em suas memórias da guerra, oferece um relato a este respeito e a grave consequência que acarretava:

[...] era difícil se manter informado. Os oficiais de informação diziam: ali tem alemão. Mas os alemães também estavam organizados e deixavam pistas falsas. Em consequência, os comandantes eram levados a frequentar mais as linhas de frente do que normalmente deveriam a fim de ampliar as informações disponíveis e melhorar os planos de ataque⁴.

Uma possível causa para tais deficiências, inclusive da falta de coordenação entre as 2ª e 3ª Seções do Estado-Maior, repousa na avali-

ação de Souza Lima, quando afirma que o Brasil na época não dispunha de um conceito estratégico nacional para estabelecer as diretrizes em caso de guerra e, em face disso, as nossas hipóteses de Guerra eram as da guerra clássica, o que dificultava a internalização dos novos conceitos⁵.

Uma análise mais ampla destes mesmos relatórios sugere que algumas informações coletadas nas frentes ocupadas por tropas norte-americanas e britânicas, eram desconsideradas pelo comando do V Exército, parte disso pela ânsia em tomar as posições inimigas antes da chegada da primavera, caso de Monte Castelo e suas quatro tentativas infrutíferas, em 1944.

Diante deste contexto, depender exclusivamente destas informações não era uma boa opção e relatos descrevem ainda, que estes forneciam apenas informações básicas para o planejamento das operações, algumas já desatualizadas, *status* similar as informações compartilhadas pelo U.S. Navy ao longo da Batalha do Atlântico,



especialmente, no litoral da Região Nordeste brasileira⁶.

Importante destacar, que as subseções de interpretação fotográfica e contraespionagem não faziam, originalmente, parte da 2ª Seção do EM da 1ª DIE, sendo criadas no organograma após a chegada da FEB na Itália, decorrente das novas necessidades surgidas no curso das operações.

Neste contexto, as fontes de informações recaíam basicamente nas patrulhas de reconhecimento e na observação e reconhecimento aéreo, quase sempre precisas, além das obtidas por meio do interrogatório de desertores, prisioneiros, informações originadas dos *partigiani* e da população local, esta última, não raras vezes, imprecisas.

O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO E A OBSERVAÇÃO AÉREA

Um dos principais instrumentos de coleta de dados e informações acerca do inimigo foram as

patrulhas de reconhecimento, que exerceram um papel relevante nas operações da FEB, ou a nota dominante, nas palavras de seu comandante. Tinham por missão, se aproximar o máximo possível das linhas inimigas, contando com o elemento surpresa, com a finalidade de coletar informações para o planejamento das operações o que acarretou em grande número de baixas.

Dentre estas, se destaca a morte do sargento Max Wolff Filho, ocorrida em 12 de abril de 1945, durante a tomada de Montese, dois dias antes do início da ofensiva da primavera. Wolff comandou o maior número destas patrulhas, ao longo da guerra.

As informações de interesse recaíam na identificação da posição que o inimigo ocupava no terreno, número de efetivos, identificação das unidades, tipos e quantidade do armamento, principalmente, peças de artilharia, que seguidamente fustigavam as tropas brasileiras causando elevado número de baixas. Embora a ordem expressa era a de não entrar em confronto, estes



eram inevitáveis quando surpreendidos.

Branco, referindo-se a importância destas patrulhas, assim relata:

[...] o esquadrão de reconhecimento havia se deslocado para Traversetolo, na busca de informes, avidamente aguardados pelo comando da Divisão Expedicionária, que deram conta da existência de dois batalhões inimigos que se direcionavam de Berceto para Fornovo, robustecendo-se as suspeitas de que ainda havia inimigos naquele setor. Qual a natureza, efetivo e missão das tropas em contato? Qual o valor, tipo e propósito das unidades que marchavam na direção de Fornovo di Taro? Haveria outras forças mais no Setor? Que rumo tomavam?⁷

Após adquirirem a necessária experiência, Branco assevera que as informações até então vagas, imprecisas e, por vezes, contraditórias, transformaram-se, rapidamente, em realidade palpável e irrefutável, cujos resultados, sem dúvida, revelariam pormenores ansiosamente aguardados⁸.

Além disso, o comando da FEB e os quatro grupos de artilharia possuíam sob seu controle operacional duas aeronaves cada, da recém-criada unidade da Força Aérea Brasileira (FAB) denominada Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), apelidada de “Olho Neles”. Composta por 11 oficiais aviadores e 10 aeronaves Piper L-4H, a unidade era comandada pelo capitão aviador João Fabrício Belloc⁹.

A aeronave foi apelidada pelos pilotos brasileiros de “teco-teco”, um avião de turismo, adaptado para uma versão militar, voando a cerca de 300 e 600 metros de altura, expostos ao tempo e ao fogo da artilharia inimiga.

O general Mascarenhas de Moraes compartilha desta percepção afirmando que eram aviões frágeis, desarmados, de pouca velocidade, voando abaixo das nuvens, próximo ao terreno, afrontando o clima e a artilharia antiaérea inimiga, contudo, os únicos olhos que a divisão possuía, nos céus sobre os Montes



Fig. 1 - Major Álvaro Alves dos Santos, chefe do Serviço de Contrainformações



Fonte: Arquivo Histórico do Exército

Apeninos¹⁰.

Voando sempre acompanhado de um oficial de artilharia da FEB, além da observação aérea, buscavam obter a localização de postos de artilharia, bases e acompanhamentos inimigos. Muitos jornalistas correspondentes de guerra, como Rubem Braga e Joel Silveira, voaram nestas aeronaves.

As fotografias aéreas complementavam o reconhecimento nas cartas e no terreno, mostrando aspectos que a observação direta nem sempre assinalava. Foi a primeira vez que

o Exército Brasileiro utilizava, em campanha, a inteligência de imagens (IMINT) para reconhecimento do terreno e da posição do inimigo.

OS *PARTIGIANI* COMO ELEMENTOS DE INFORMAÇÕES

A participação dos *partigiani*, como elementos de informações e de apoio junto às operações da FEB é pouco explorada pelos pesquisadores militares e percebidas por alguns, com certo preconceito.

Contudo, pela leitura de diversos depoimentos de ex-combatentes e obras italianas, é possível afirmar que tiveram um papel relevante no auxílio às tropas, especialmente, pelo conhecimento que tinham do terreno e do inimigo. A este respeito, Souza Lima assim registra:

[...] estávamos em nosso PC e recebemos a informação de que



iriam sair alguns elementos pelas nossas linhas. E ficamos muito surpreendidos quando, efetivamente, o Serviço de Informações do Batalhão nos encaminharam três partisanos, sendo um deles mulher. Sairiam cruzando nossas linhas e iriam buscar uma série de informações. Na ocasião, antes de deixarem o nosso Posto de Combate, tiveram ocasião de comentar conosco que eram da região e conheciam bem aquela área e nos mostraram caminhos de infiltração, as posições de morteiros e pontos de apoio do inimigo etc¹¹.

Araújo registra que os *partigiani* colaboraram com a FEB, evitando que dezenas de militares fossem mortos pelos alemães. Ocultavam feridos até seu resgate, levavam munição e alimentos para os combatentes brasileiros em zonas ocupadas pelo inimigo e forneciam informações acerca de sua posição e armamentos, situação que possibilitava desencadear ataques com efeitos devastadores pela artilharia¹².

A percepção da guerra clássica e a influência da doutrina francesa pode ter sido um dos fatores que contribuíram para esta percepção negativa, uma vez que era inimaginável que um exército regular, obtivesse auxílio de um exército ou grupo irregular, com características de guerrilha.

A ESPIONAGEM NAS LINHAS BRASILEIRAS

Um dos maiores problemas enfrentados pelo efetivo da FEB, recaiu na ação intensa da espionagem inimiga, com agentes autóctones a serviço dos alemães.

Estes se infiltravam entre migrantes e refugiados ou apresentando-se como agricultores da região e nessa condição disseminavam boatos e falsas informações destinadas a confundir o comando da tropa brasileira, com relação ao número de efetivos inimigos dispostos nas linhas, seu potencial de fogo, suposto abandono de posições e elevado número de deserções. Além disso,



procuravam obter informações acerca da localização de depósitos de armas e munições, situação do moral da tropa e planos detalhando futuras operações.

Como os brasileiros tradicionalmente não utilizavam agentes de espionagem, as informações acerca de particularidades do inimigo eram inicialmente provenientes dos núcleos de resistência dos *partigiani*, que, por terem conhecimento do terreno, guiavam e ofereciam segurança aos agentes brasileiros que transitavam por trás das linhas alemãs.

Quanto aos italianos, a desconfiança preponderava, pois muitos destes colaboravam para ambos os lados, por simpatia ou conveniência. As informações eram de pouca qualidade uma vez que não eram nativos do lugar e sim pessoas que fugiram de outras localidades para se protegerem, não conhecendo a área, tampouco o sistema de defesa implantado pelos alemães.

A este respeito, Castelo Branco assevera:

[...] diariamente, agentes espíões inimigos, habilidosamente acionados e misturados a um grande número de refugiados em fuga, cruzavam as linhas de contato, problema para o qual a tropa deveria estar devidamente instruída e alertada para não se deixar cair, facilmente, nos engodos articulados pelo inimigo [...] os brasileiros talvez tenham sido as maiores vítimas do engodo articulado pelo inimigo, tanto pela ingenuidade de uns, como pela inexperiência e credulidade de outros [...] fornecendo dados que, possivelmente, devam ter contribuído negativamente no resultado das operações. Tendo chegado certa vez, ao conhecimento do Comando da Divisão que os homens não mantinham a devida discrição com respeito às operações em estudo, fez sérias advertências a respeito que, embora não tenham de todo coibido os abusos e excessos, concorreram para despertá-los, tornando-os mais atentos e comedidos nas suas manifestações públicas¹³.

Tal condição despertou para a necessidade da existência de um maior controle das correspondências dos integrantes



da FEB enviadas ao Brasil, pois poderiam cair nas mãos inimigas, se constituindo em importante fonte de informações.

A partir de então, passaram por crivo e assuntos militares como o moral dos colegas, o local em que se encontrava estacionado, dificuldades com treinamento e adaptação, foram terminantemente proibidos de registro.

Da mesma forma, a contrainformação supervisionava diretamente o material e conteúdo produzido pelos correspondentes de guerra, submetidos às regras do Regulamento para Correspondente de Guerra Acompanhando o Exército dos EUA em Campo. Por questões de segurança não era permitido publicar a descrição das bases militares da FEB, movimentos antecipados de tropas e direção, assuntos relacionados a planos de operações, número do efetivo e de feridos e nome de oficiais¹⁴.

Por outro lado, a camaradagem do soldado brasileiro frente às agruras enfrentadas pela população local foi uma questão difícil de ser trabalhada pela contrainformação,

notadamente, quando de boa-fé, permitiram a entrada de alguns poucos italianos nos acampamentos, a fim de apanhar comida e cigarros. Nesta situação muitos soldados foram assassinados pelos italianos quando de serviço de sentinela nos acampamentos¹⁵.

Outra questão não menos relevante foi o comportamento dos efetivos quando de folga, misturando-se a população de áreas já libertadas, mas que ainda possuíam muitos espíões e simpatizantes, dispostos a ouvir conversas acerca de assuntos militares e relatá-las a quem se dispusesse a fornecer alimentos ou outras benesses.

Diante desta conjuntura desfavorável e de um cenário de constantes ameaças, restou evidente a necessidade da criação de um setor que tratasse, exclusivamente, destes assuntos, considerados de segurança.

A PROPAGANDA E CONTRAPROPAGANDA

A propaganda inimiga foi uma ferramenta de forte impacto psico-



lógico, direcionada a abater o moral do soldado brasileiro, na tentativa de reduzir sua disposição para o combate. Era transmitida por diferentes veículos, como rádios, boletins, cartazes, jornais e panfletos, em português.

Além de semear dúvidas sobre a possibilidade de vitória, explorando as dificuldades climáticas e geográficas da zona de operações e o poderio de fogo da artilharia, lembrava a constante ameaça de morte que rondava os combatentes em cada deslocamento, causando tensões permanentes.

Os alemães espalhavam, constantemente, falsas notícias, boatos e ameaças como a de que seriam facilmente mortos, caso não se rendessem ou desertassem. Havia apelos sentimentais utilizando-se das famílias dos soldados, que ficariam sem seus entes queridos, enquanto lutavam em uma guerra que não era sua.

As rádios de Milão, conhecida como *Voz da República Fascista*, de Berlim e outras clandestinas, uma delas, operada por Margarida Hirschaman, realizavam transmis-

sões diárias em português, incitando à deserção. A radialista foi presa pela FEB após a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã.

Logo após a chegada dos brasileiros à Itália, o jornal fascista *La Stampa* publicou um artigo sob o título “Mercenários sobre os Alpinos”, denegrindo a imagem das tropas, classificadas como “capacho dos norte-americanos”. Embora a massificação destas mensagens, não há registros de que tenham atingido resultados satisfatórios em relação aos brasileiros.

A respeito da contrapropaganda, direcionada a neutralizar os efeitos da propaganda adversa, o comandante da FEB registra:

Na defensiva de inverno, praticou-se de ambos os lados a guerra psicológica: nossa artilharia arremessou em suas granadas quantidade apreciável de boletins de propaganda, destinados a arrefecer o entusiasmo bélico inimigo; e alto-falantes, instalados em nossas linhas avançadas, com a mesma finalidade, dirigiram-se diretamente ao combatente alemão exortando-o a entregar as armas¹⁶.



Da mesma forma, a reportagem de Arlindo Silva relata:

[...] a contrapropaganda, foi utilizada pelos homens da Subseção na linha de combate. Colocavam, no interior de granadas com pólvora, folhetos e salvo-condutos, convidando os soldados inimigos a bandearem para o lado brasileiro. Os folhetos, explicavam por que os soldados brasileiros tinham atravessado o Atlântico para ir lutar contra a Alemanha e Itália. [...] os altofalantes eram colocados, na calada da noite, junto às trincheiras inimigas [às vezes, a cem metros de distância apenas] e ligados para irradiar mensagens de propaganda aliada¹⁷.

Registros revelam que significativa parte das mensagens da FEB aos alemães e italianos se referiam a rendição, utilizando o argumento de que a guerra estava perdida, os aliados haviam penetrado no coração da Alemanha e, diante disso, sacrifícios como a perseverança em resistir e a perda de vidas, já não faziam sentido.

A CRIAÇÃO DO SETOR DE CONTRAESPIONAGEM (C.I.C.)

Diante da massificação da espionagem e da propaganda inimiga e seus efeitos nefastos, foi criado, em 22 de agosto de 1944, dentro da estrutura da 2ª Seção do Estado-Maior, um novo setor denominado Serviço de Contraespionagem, organizado pelo tenente Ubirajara Dolácio Mendes.

Integrava a Subseção de Contrainformações, chefiada pelo major Álvaro Alves dos Santos, e sua concepção foi aos moldes do *Counter Intelligence Center*, incluindo um rápido treinamento operacional junto aquele¹⁸.

Este setor deveria cumprir missões de identificação, na zona da divisão, da rede de espionagem mantida pelo inimigo, assinalar simpatizantes do nazifascismo, realizar ações de contrapropaganda além do interrogatório de prisioneiros, coletando informações importantes sobre efetivos, armamentos, posições que ocupavam e planos de operações.



Após exaustiva seleção, foram escolhidos para o setor de contra-espionagem, onze militares da FEB. Um oficial na chefia do setor, dois oficiais auxiliares, dois sargentos para funções administrativas e seis agentes operacionais. Estes atuaram em conjunto com outros três agentes italianos, pertencentes ao Serviço de Informações Italiano (S.I.M.). Os agentes foram divididos em três grupos, com dois agentes brasileiros e um italiano.

O setor foi chefiado, nos primeiros dias, pelo tenente Ubirajara Dolacio Mendes, substituído uma semana após pelo major Álvaro Alves dos Santos. Embora tenham iniciado os trabalhos em 27 de novembro de 1944, só seria oficializado em 3 de fevereiro de 1945¹⁹.

Em março de 1950, o ex-chefe da subseção de contrainformação da FEB, coronel Álvaro Alves dos Santos, publicou no jornal *O Ex-combatente* um artigo onde se manifestou acerca da atividade, asseverando que

[...] num campo de Batalha observamos dois fatores absolutamente opostos. O primeiro é a busca constante de informações, utilizando todos os meios disponíveis, desde órgãos de busca da tropa até agentes de toda espécie, incluindo informantes estrangeiros. O segundo, é aquele que se antepõe ao primeiro, a criação de uma rede tão compacta quanto possível, cobrindo todo o campo de Batalha, incluindo os órgãos de busca inimigos²⁰.

Sem envolvimento em outras atividades de informações, passou a controlar os itinerários de migrantes e refugiados nas zonas ocupadas pelas tropas brasileiras, fator que reduziu, sensivelmente, a infiltração de agentes e o trânsito de civis por dentro das linhas brasileiras. Competia-lh, ainda, realizar investigações referentes a sabotagem, espionagem e atividades subversivas, incluindo, a disseminação de boatos da propaganda inimiga, sedição, traição, violação de regras de segurança, dentre outras.



Este setor se manteve sem segredo da opinião pública brasileira até o ano de 1954, quando o tema emergiu da reportagem realizada pelo jornalista Arlindo Silva, na revista *O Cruzeiro*, baseado no depoimento do capitão da reserva Ubirajara Dolácio Mendes, em 1949. Posteriormente, em 1963, a obra de Geraldo Batista de Araújo, um dos agentes do C.I.C., apresentaria detalhes mais amplos acerca das missões e capacidades. Segundo Araújo, o C.I.C. tinha por missões:

[...] capturar agentes inimigos conhecidos e suspeitos e pessoas que tivessem colaborado com o inimigo ou constituíssem ameaça à segurança das forças aliadas. Vasculhar edifícios ou escritórios ocupados por elementos do serviço de informações ou pela polícia inimiga, os centros de transmissões, edifícios e instalações militares em que se soubesse ou suspeitasse da existência de documentos de valor para a contraespionagem e interrogar os refugiados e dar-lhes o destino que julgasse conveniente. [...] examinar toda

a correspondência civil proveniente do inimigo, auxiliar as instalações militares com relação a medidas de contra sabotagem e cooperar com a Polícia Militar nas informações de seu interesse²¹.

Em uma dessas missões de vasculhar posições anteriormente ocupadas pelo inimigo na localidade de Abetaia, em dezembro de 1944, por ocasião do último ataque em princípio de maio, apoderaram-se de um relatório que tratava do interrogatório de prisioneiros brasileiros, capturados pela 232ª DI, dentre estes, o do soldado Bruno Lassen Souza Lima, relata o teor do documento, publicado no Boletim de Informações nº 79, da 1ª DIE, da seguinte forma:

[...] ele dá o nome dos oficiais da sua Companhia, fornece dados sobre a organização e o emprego do 11º RI, informa a missão, antes da deserção, dá informações sobre outras unidades brasileiras, informações sobre as nossas intenções, a posição do nosso armamento, efeito das armas alemãs, em relação aos preparativos da guerra química e mais uma série de in-



formações sobre a tropa brasileira, inclusive as relações com a população italiana, a organização efetiva e termina com uma opinião sobre as tropas alemãs, em que diz: “de acordo com o desertor, os brasileiros acreditam que uma das melhores unidades alemãs está na frente deles, fala-se até mesmo de uma Divisão SS”²².

Provavelmente esta informação acarretou em mudanças de locais para guarda do armamento e munições além do reforço na segurança dos pontos indicados no interrogatório e orientações complementares.

Por outro lado, as fontes de pesquisa disponíveis revelam que os agentes da contraespionagem não realizavam prisões. Estas eram efetivadas pelos efetivos das tropas que detinham suspeitos e os encaminhavam para a Polícia Militar (PM), que, por sua vez, solicitava a presença do C.I.C. para avaliação e realização de interrogatório.

Araújo relata, ainda, que em caso de evacuação ou retraimento, era missão da contraespionagem

dar buscas nos postos de comando e depósito de suprimento assegurando-se de que foram inteiramente destruídos ou retirados documentos que pudessem interessar ao inimigo. Também fazia parte da missão, elaborar documentos com orientações e recomendações às unidades acerca de procedimentos comportamentais, com o objetivo de não serem surpreendidos em ações de sabotagem ou pela espionagem inimiga.

Estes boletins eram transmitidos constantemente, assinados pelo próprio comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, ao escalão subordinado, como o abaixo reproduzido:

Porreta Terme, 5 de novembro de 1944. 2ª Seção-SCI. Circular nº 1. Conduta de contrainformação. 1 - Qualquer civil encontrado nas zonas de frente, deverá ser detido e remetido ao CIC, por intermédio da Polícia Militar; 2 - Os objetivos dos agentes inimigos é o de localizar posições de armas, esclarecer sobre dispositivo tomado por



nossas tropas e mesmo, descobrir nossas intenções atuais e futuras, o que pode causar a morte de nossos combatentes; 3 - Os agentes inimigos são em sua maioria italianos, homens e mulheres, bem treinados pelo Serviço de Segurança Alemão; 4- Assuntos militares, de qualquer espécie, jamais devem ser tratados na presença de civis ou em ambiente fora do aquartelamento²³.

Outras importantes orientações foram publicadas nos jornais confeccionados pela FEB, ao longo da campanha, dentre estes, *A Trincheira, a Cobra Fumou e o Marreta* que circulavam no âmbito do esquadrão de reconhecimento e nas diferentes unidades, alertando, dentre outras questões, sobre o perigo dos diferentes tipos de minas terrestres e da presença de franco-atiradores.

Entre um cardápio variado de êxitos obtidos pela subseção de contrainformações e pela contraespionagem, dentre aqueles que, eventualmente, possuem registro documental, se destacam a identificação e prisão de agentes da

espionagem em trânsito pelas linhas brasileiras e a neutralização da propaganda adversa.

O INTERROGATÓRIO DE PRISIONEIRO

O interrogatório de prisioneiros de guerra, alemães e italianos, após os necessários treinamentos e ao longo de experiências, alcançou resultados acima das expectativas.

Dentre os inúmeros êxitos, um episódio, em particular, digno de nota, foi o interrogatório de um prisioneiro de guerra alemão as vésperas do quinto ataque a Monte Castelo, em 20 de fevereiro de 1945. Ao longo deste interrogatório, restou evidenciado que a informação premeditadamente difundida de que os alemães estariam se retirando de Monte Castelo não correspondia a realidade. Nas palavras do general Mascarenhas de Moraes, “foi um informe falso que, se levado em consideração, poderia nos conduzir a um ataque



Fig. 2 - Soldados italianos aguardam para serem interrogados em Viareggio no dia 31 de outubro de 1944



Fonte: Arquivo Histórico do Exército

noturno desastroso, de consequências irremediáveis”²⁴.

Outro dos sucessos foi a prisão e interrogatório de Fossi Tomaso, que alegava ser um refugiado, de aparência inofensiva, mas confesso agente da espionagem alemã. Este transitava seguidamente por dentro das linhas brasileiras, solicitando alimentação, cigarros e contando histórias aos soldados. Quando da prisão, foi encontrado em seu poder um mapa da região onde operava a FEB junto a um livro em

código, contendo as atividades cotidianas das tropas aliadas ao longo do Vale do Rio Pó.

A importância das informações obtidas nos interrogatórios é registrada em diversas ocasiões nas memórias do comandante da FEB, possibilitando avaliações acerca do inimigo e suas intenções.

Em um destes registros, o general Mascarenhas de Moraes observa que quando as tropas se dirigiam rumo a Roca para sua captura, “os prisioneiros de guerra



informaram que toda a margem leste do Rio Panaro estava minada, o que era indício veemente de que os contrários, em rota batida, se utilizaram da rodovia locada na margem oeste daquele curso de água”²⁵.

Outra informação obtida do interrogatório de prisioneiros capturados em Collechio permitiu à FEB saber que a 148ª Divisão de Infantaria alemã marchava em retraimento pela Estrada 62, rumo ao Norte, no Vale do Taro, com grande efetivo, farto armamento e equipamentos, porém, demonstrando desgaste físico, existência de feridos, alguns em estado grave, e a falta de combustível²⁶.

Este conjunto de informações desencadeou as tratativas de rendição da divisão alemã em 27 de abril de 1945, o que efetivamente ocorreria em 30 de abril, com o aprisionamento de 14.779 mil praças, 800 oficiais, 80 canhões de diferentes calibres, 1.500 viaturas de todos os tipos, centenas de veículos de tração animal e abundante munição²⁷.

Dentro do contexto da guerra, o C.I.C. sofreu apenas uma baixa, com a morte decorrente da explosão de uma mina do soldado e agente José Pessoto Sobrinho, ocorrida quando aguardava para surpreender um espião nazista, que deveria atravessar as linhas da FEB para a zona de ocupação alemã, de posse de importantes informações.

Fig. 3 – Soldado José Pessoto Sobrinho, a única baixa fatal do C.I.C. da FEB



Fonte: Arquivo Histórico do Exército



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise dos poucos registros históricos disponíveis para pesquisa relacionados a essa atividade, é possível afirmar que o serviço de informações e contrainformações da FEB foi essencial no assessoramento ao planejamento das operações de combate e, especialmente, na segurança de pessoal, comunicações e documentação. Suas ações e atividades permitiram um conhecimento mais amplo acerca do inimigo, especialmente, avaliações sobre seu comportamento na zona de combate o que, em perspectiva, fornecia indícios de seus passos seguintes e possíveis intenções.

Com treinamento adequado, se adaptaram rapidamente as missões que lhes eram atribuídas, adquirindo experiência, em grande medida, pelo volume de ações de espionagem, sabotagem, dissimulação e da propaganda inimiga.

Por óbvio que havia uma relação aproximada com os serviços de informações norte-americanos, onde alguns dados e informações

eram compartilhados e, posteriormente, aprofundados pelos brasileiros. Devido ao reduzido efetivo e estrutura, é possível afirmar também que muitas missões não puderam ser cumpridas a contento, em face da extensão da zona de operações e a crescente e interminável demanda até a rendição alemã e italiana.

Importante destacar que o setor de informações e contrainformações da 1ª DIE, foi citado positivamente pelo general Crittenger, como o melhor serviço do gênero dentro do IV Corpo de Exército norte-americano em abril de 1945, obtendo e disseminando informações com velocidade, concisão e exatidão razoáveis.

De todo modo, as experiências no combate moderno, adquiridas pela atividade de informações e contrainformações a partir de necessidades surgidas nas zonas de operações da Itália, contribuíram para aperfeiçoar o trabalho conjunto entre as seções do estado-maior, notadamente, entre as 2ª e 3ª Seções (informações e operações), além de solidificar novos conceitos



e, paulatinamente, possibilitou a construção de uma doutrina que foi sendo testada, reformulada ou readequada e, em linhas gerais, permanece vigente até os dias atuais.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Geraldo Batista de. *Caçando espiões: atividades do serviço de contraespionagem da FEB*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1963.
- BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; Record, 1996.
- BRANCO, Manoel Thomaz Castelo. *O Brasil na Segunda Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.
- FARIAS, Oswaldo Cordeiro de. *Diálogo com Cordeiro de Farias: meio século de combate, entrevista a Aspásia Camargo e Walder de Goes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- GAMA, Arthur Oscar Saldanha da. *A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi Editora e Gráfica Ltda, 1982.
- GONÇALVES, Daniel Evangelista. *Esquadrilhas de Ligação e Observação: vigília constante em defesa da Pátria*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 2016.
- GUIMARAES, Ayrton Vianna Alves. *Depoimento. História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo III. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- MENDES, Ubirajara Dolácio. *Como surgiu a Contraespionagem na FEB*. Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a F.E.B, São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.
- MORAES, João Baptista Mascarenhas de. *A F.E.B pelo seu comandante*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.
- MORAES, João Baptista Mascarenhas de. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.
- SANTOS, Álvaro Alves dos. *Jornal o Ex-combatente*, da Associação Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção



Minas Gerais, 1950.

SILVA, Arlindo. Último segredo da FEB: a batalha silenciosa da contraespionagem. *Revista o Cruzeiro*, ed. Especial, 17 jun. 1954.

SOUZA LIMA, Thorio Benedito de. *Depoimento*. História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Tomo IIX. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2016.

WAACK, William. *As duas faces da glória*: a FEB vista pelos aliados e inimigos. São Paulo: Planeta, 2015.

WEINER, Tim. *Legado de cinzas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

WOLOSZYN, André Luís. *Inteligência Militar*: o emprego pelo Exército Brasileiro e sua evolução. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018.

¹ WEINER, Tim. *Legado de cinzas*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 24.

² MORAES, João Baptista Mascarenhas de. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984, p.132.

³ WAACK, William. *As duas faces da glória*: a FEB vista pelos aliados e

inimigos. São Paulo: Planeta, 2015, p. 170-173.

⁴ FARIAS, Oswaldo Cordeiro de. *Diálogo com Cordeiro de Farias*: meio século de combate, entrevista a Aspásia Camargo e Walder de Goes. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001, p. 314-315.

⁵ SOUZA LIMA, Thorio Benedito de. *Depoimento*. História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Tomo IIX. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2016.

⁶ GAMA, Arthur Oscar Saldanha da. *A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi Editora e Gráfica Ltda, 1982.

⁷ BRANCO, Manoel Thomaz Castelo. *O Brasil na Segunda Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960, p. 447-448.

⁸ Ibid.

⁹ GONÇALVES, Daniel Evangelista. *Esquadrilhas de Ligação e Observação*: vigília constante em defesa da Pátria. Rio de Janeiro: Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 2016.

¹⁰ MORAES, 1984, op.cit.

¹¹ SOUZA LIMA, op.cit, p. 70.

¹² ARAÚJO, Geraldo Batista de. *Caçando espiões*: atividades do serviço de contraespionagem da FEB. Rio de Janeiro: Borsoi, 1963.

¹³ BRANCO, op.cit. p.155-156.



¹⁴ BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; Record, 1996.

¹⁵ GUIMARAES, Ayrton Vianna Alves. *Depoimento*. História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Tomo III. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

¹⁶ MORAES, 1984, op.cit., p. 235.

¹⁷ SILVA, Arlindo. Último segredo da FEB: a batalha silenciosa da contraespionagem. *Revista o Cruzeiro*, ed. Especial, 17 jun. 1954.

¹⁸ WOLOSZYN, André Luís. *Inteligência Militar: o emprego pelo Exército Brasileiro e sua evolução*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018.

¹⁹ MORAES, João Baptista Mascarenhas de. *A F.E.B. pelo seu comandante*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

²⁰ SANTOS, Álvaro Alves dos. *Jornal o Ex-combatente*, Associação Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção Minas Gerais, 1950.

²¹ ARAÚJO, op.cit., p. 70-71.

²² SOUZA LIMA, op.cit., p. 66.

²³ ARAÚJO, op.cit., p. 77-79.

²⁴ MORAES, 1984, op.cit., p.246.

²⁵ Ibid., p. 294.

²⁶ Ibid., p. 309.

²⁷ Ibid., p.316.